



ARTIGOS

Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, *Universidade Federal de Pelotas*.

RESUMO. Esta escrita é parte de uma investigação realizada com mulheres idosas militantes feministas da cidade de Pelotas/RS, Brasil. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa que buscou conhecer o processo de construção do movimento feminista da cidade, a partir da abordagem metodológica advinda da pesquisa biográfica, tendo as narrativas das mulheres que participaram na época como principal ferramenta. Apostou-se na construção de um campo de pesquisa interdisciplinar e interseccional que permitiu, a partir do trabalho de coleta, sistematização e análise dos depoimentos, identificar as trajetórias de vida e militância das mulheres idosas participantes, constituindo diversas categorias de análise, como família, formação, trabalho e militância. Neste artigo traremos narrativas de sete mulheres participantes. Todas possuem atualmente mais de 60 anos de idade e tiveram atuações reconhecidas como importantes na construção do que hoje podemos chamar de movimento feminista na cidade. Nosso recorte para este texto se limita a desenvolver as categorias formação e trabalho; e militância no movimento social.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres idosas. Militância social. Narrativas. Movimento feminista.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada com mulheres idosas militantes feministas na cidade de Pelotas, RS/Brasil, compreendendo essas mulheres como precursoras de um movimento político e democrático em prol das lutas das mulheres de seu tempo. O objetivo central foi investigar o processo de construção do movimento feminista local, tendo como ponto de partida as trajetórias de vida das mulheres que participaram ativamente dessa construção.

Tendo esses elementos como parâmetros inspiradores, construiu-se como metas nesta proposta de investigação: resgatar as trajetórias de vida das mulheres idosas participantes, buscando uma aproximação com as biografias, a partir de algumas categorias consideradas fundamentais como infância, família, formação, trabalho e militância social, entre outras; identificar os saberes das mulheres pesquisadas, o que significa buscar a compreensão dos seus próprios processos de formação e de vida; e promover a percepção das mulheres envolvidas de suas próprias trajetórias de formação, visando uma maior compreensão de suas vidas e do quanto suas experiências são constituidoras de suas trajetórias.

O processo de escolha das mulheres participantes da investigação teve como critério o fato de possuírem importantes trajetórias de vida, por se tratarem de mulheres atuantes, com caminhadas significativas e marcantes em várias áreas de conhecimento e profissões distintas, reconhecidas em suas comunidades de atuação. Todas as participantes têm sido indicadas por grupos e/ou pessoas atuantes em diversas áreas de conhecimento. Isso não significa que estejamos valorizando apenas trajetórias de destaque por menosprezarmos as trajetórias de pessoas comuns, muito pelo contrário, minha experiência como pesquisadora que coordena pesquisas que utilizam histórias de vida e auto(biografias) como ferramenta metodológica trouxe o aprendizado de valorizar os saberes e trajetórias de todas as pessoas. As ciências humanas e sociais há tempos tem ressignificado sua própria trajetória, que por muito tempo valorizou apenas as trajetórias dos 'iluminados', desenvolvendo metodologias que trazem à tona as vidas cotidianas descortinando, dessa forma, aspectos que estavam invisibilizados pela academia e, portanto, pela produção científica em geral, e também no campo das ciências humanas e sociais.

Delory-Momberger (2012) constrói uma perspectiva que nos parece ser bem adequada para se pensar o potencial das narrativas e como elas se constituem e se situam. Para ela, através das narrativas as pessoas



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

tornam-se os próprios personagens de suas vidas e dão a elas uma história, o que ela chama de *operação de configuração*. Dessa forma,

É a narrativa que constitui não somente o meio, mas o lugar dessa operação: a vida tem lugar na narrativa e tem lugar como história. O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem desse vivido e dessa experiência. A narrativa não é, então, apenas o sistema simbólico de que os homens dispõem para exprimir o sentimento de sua existência: o narrativo é o lugar onde a existência humana toma forma, onde ela se elabora e se experimenta sob a forma de uma história. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 40).

Portanto, nessa perspectiva metodológica, o processo de investigação não trata simplesmente de descrever os elementos que compõem o objeto da pesquisa, mas de apreendê-los historicamente em seus processos, numa totalidade que não se reduz a uma descrição de sua composição, mas se refere a um todo significativo que apreende o objeto como expressão de sujeitos humanos em determinadas condições históricas. Nessa perspectiva, a biografia se refere ao conjunto de representações segundo as pessoas percebem sua existência.

Nesta escrita, primeiramente, é apresentado o universo da investigação, contextualizando a proposta. Na sequência são apresentadas algumas análises, feitas a partir das categorias propostas aqui, que são: formação e trabalho, e, ainda, militância no movimento social.

Situando o campo de realização da pesquisa

Para esta escrita utilizamos as narrativas de sete mulheres, com formações variadas e que atuaram em profissões diversas e, portanto, abrangendo diferentes áreas de conhecimento. O que possuem em comum é a importante atuação social em prol das lutas pelos direitos das mulheres. Cabe destacar aqui que, como se tratam de mulheres idosas, estas começaram suas atuações coletivas em um período em que as mulheres não eram incentivadas a participarem de movimentos sociais, nem sequer a desenvolverem uma carreira no mercado de trabalho formal, pois cabia a elas a atuação limitada aos espaços domésticos, em função do domínio do patriarcado, que separava os ambientes público e privado, alimentando a lógica do marido provedor e da esposa “do lar”. As pesquisadoras feministas Helena Hirata e Danièle Kergoat aprofundam



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

esse tema no conceito, desenvolvidos por elas, de *divisão sexual do trabalho*. Para Kergoat (2005) a divisão sexual do trabalho é

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc). (KERGOAT, 2003, p.55-56).

Em texto recente, Hirata e Kergoat retomam este conceito e reafirmam seu significado, dizendo que a divisão sexual do trabalho “tem por característica a atribuição prioritária das mulheres à esfera reprodutiva enquanto os homens são designados à esfera produtiva. Paralelamente, os homens captam as funções de forte valor social agregado - políticas, religiosas, militares etc.” (2020, p.23). Assim, as autoras reafirmam a importância da categoria trabalho nas análises sobre a sociedade contemporânea, mas problematizam a sua compreensão, quando denotam a necessidade de reconceituação dessa categoria, pois assim como reconhecem a centralidade do trabalho, afirmam a importância de trabalho incorporar o trabalho reprodutivo e o trabalho doméstico.

A economista espanhola Cristina Carrasco também problematiza o trabalho, defendendo a incorporação do trabalho reprodutivo nos estudos sobre o trabalho e nas estatísticas e análises econômicas. Critica o modelo do capitalismo econômico, que historicamente invisibiliza o trabalho doméstico, realizado majoritariamente por mulheres. Carrasco (2003) denuncia essa realidade e responde epistemologicamente com o paradigma da “sustentabilidade da vida humana”, onde propõe a construção de uma nova lógica no mundo do trabalho, que ressignifique os papéis tradicionalmente assumidos por homens e mulheres, sustentados historicamente pela lógica patriarcal – incorporando o trabalho reprodutivo na economia e na vida social.

Pelotas é um município situado ao sul do estado do Rio Grande do Sul / Brasil, sendo a quarta cidade mais populosa do estado. O município apresenta elevado índice de violência contra a mulher¹, se comparado a

¹ Ver dados, por ano, no site da Secretaria da Segurança Pública do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 10 jul. 2021.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

outras cidades do mesmo estado. Sobre Pelotas, também precisamos ponderar sobre outra faceta que atinge principalmente as mulheres: em pesquisa realizada pelo pesquisador Francisco Vargas (2017), foi constatada uma grande vulnerabilidade no mundo do trabalho, em que totalizaram mais de 62 mil pessoas no trabalho precário ou informal. Neste contexto, as dificuldades de uma cidade socialmente desigual levam a criação de espaços de enfrentamento, e é neste espaço, enquanto movimento social, que as mulheres deste estudo se inserem.

Por tudo isso, o trabalho foi uma categoria central na construção dessa pesquisa, mas não de forma isolada, mas articulada com outros elementos. Marcadores sociais variados foram presentes na pesquisa, o que nos atenta para a interseccionalidade do grupo, que foi composto por mulheres idosas (consideramos para a pesquisa mulheres com idades acima de 60 anos na ocasião das entrevistas) de diversos graus de escolaridade, brancas e negras, de classes sociais distintas e com diferentes constituições familiares. Portanto, consideramos importante atentarmos para a interseccionalidade² dos diversos marcadores sociais que, como sabemos, se entrelaçam na constituição das identidades de gênero e das representações sociais das mulheres. Dessa forma, nesta investigação não concebemos as mulheres enquanto seres universais, mas seres múltiplos, compostas de inúmeros atravessamentos interseccionais que nos constituem enquanto sujeitos.

A seguir, apresentamos alguns resultados da pesquisa, separados em suas respectivas categorias de análise. Embora se considerasse que a experiência investigativa com o campo de estudos do projeto pudessem já adiantar algumas categorias, elas não foram elaboradas a priori, mas foram sendo construídas ao longo da pesquisa, a partir das memórias que foram aflorando nas narrativas, fato comum com pesquisas qualitativas que fazem uso de metodologias biográficas. Importante afirmar também que se considerou as categorias sempre de forma interseccional. Isso fez com que as mesmas não se construíssem de forma isoladas e separadas entre si. Muito pelo contrário, as categorias se interconectam e entrelaçam a todo momento, portanto, a separação que foi feita aqui ocorreu apenas para fins de organização didática da análise feita, na leitura é possível perceber as conexões entre as categorias.

² Sobre o conceito de interseccionalidade, este advém do feminismo negro, partindo da elaboração da jurista negra norte-americana Kimberlé Crenshaw. Aqui no Brasil o conceito tem sido desenvolvido por mulheres feministas negras. Destacamos aqui o livro de Carla Akotirene (2018).



Sobre o trabalho das mulheres participantes: a feminização das profissões

Importante destacar que todas as mulheres participantes da pesquisa desenvolveram uma profissão e atuaram durante a vida no mercado de trabalho formal, atualmente estando aposentadas. Atuaram em diversas áreas e tiveram profissões distintas, como na área da saúde, trabalhadora doméstica, bibliotecária, assistente social e professoras.

Algo que apareceu durante a pesquisa e que não tinha sido elaborado como critério e não se imaginava que iria acontecer, foi o fato de que surpreendeu a grande presença de professoras entre as participantes. Embora com formação variada, várias atuaram na docência, em diferentes níveis de ensino, desde o ensino fundamental até o nível superior, o que trouxe uma grande hegemonia da profissão docente sobre as demais.

Impossível se pensar na docência sem se perceber a feminização desta profissão, historicamente constituída enquanto espaço profissional de mulheres, especialmente nas séries iniciais. Diversos estudos e pesquisas sobre esse tema já foram desenvolvidos no país, a ponto da feminização da docência se constituir num campo de estudos importante que perpassa, inclusive, a formação docente, especialmente das docentes das séries iniciais. A coordenadora desta pesquisa, atua na docência no curso de Pedagogia, onde ministra, há mais de uma década, uma disciplina obrigatória do currículo que trata da relação entre o feminino e a docência, pois se reconhece a influência interseccional desses dois elementos e a importância destes na formação da identidade e do status profissional da professora pedagoga.

No entanto, no que se refere a constituição da profissão, os estudos nos mostram que a docência foi uma possibilidade de emancipação para as mulheres, permitindo sua inserção no mercado de trabalho. Se, de um lado, poderíamos fazer uma crítica sobre sua inserção nesta profissão estar vinculada a infância e aos cuidados com as crianças, reforçando os papéis tradicionais de gênero, por outro lado, podemos dizer que foi o espaço concedido e aceito socialmente para as mulheres, e isso pode ter ajudado a sua inserção e presença no mercado de trabalho formal.

Dessa forma, conforme Hypólito,



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

O processo de feminização do magistério é um processo que coincide com o processo de transformação do trabalho docente em trabalho assalariado, controlado pelo Estado, submetido a formas de controle externas ao próprio processo de trabalho, retirando das professoras e dos professores formas autônomas de controle sobre o que e como ensinar. O processo de racionalização e parcelamento do trabalho docente é simultâneo à transformação desse trabalho em trabalho feminino (2020, p.88).

Portanto, as relações entre o masculino e o feminino na docência devem ser entendidas enquanto relações mais amplas da sociedade capitalista, assentadas no patriarcado. No entanto, o autor alerta para o fato de que não devemos compreender o patriarcado enquanto relações de poder sempre de dominação dos homens sobre as mulheres, considerando as mulheres como sempre vítimas inertes e passivas pois, ao mesmo tempo as mulheres professoras pertencem a uma profissão que reforça os aspectos opressivos da condição feminina, também ocupam um lugar no espaço público, que antes era totalmente ocupado por homens, tendo acesso à educação e construindo formas de participação política e culturais mais amplas, como direito ao voto, participação em entidades sindicais, etc. Assim, é correto pensarmos que o ingresso das mulheres na docência não ocorreu somente por interesses do capital (embora isso não possa ser descartado), mas devemos considerar que também ocorreu porque a docência foi uma opção possível e viável (considerando-se os recortes de classe, pois não era viável para todas as mulheres) de emancipação feminina.

Assim, as professoras aposentadas que participaram dessa investigação são mulheres que atuaram em um espaço onde foi permitido para elas. Foi possível perceber em suas narrativas que o fato de suas famílias de origem serem, na maioria, de classe média, foi fundamental para que pudessem estudar. Também ficou claro que se envolveram com a docência porque foi a oportunidade que tiveram, não havendo grandes opções para elas na época. Uma das depoentes, a mais idosa de todas as participantes, estando com mais de 80 anos de idade no momento da entrevista (realizada em 2018), quando narrou sobre o seu ingresso enquanto estudante no curso Normal (relativo ao magistério atual) e mais tarde o seu ingresso como docente alfabetizadora nas séries iniciais, simplesmente afirmou: *“fiz o que era possível naquela época”*.

Importante dizer que as outras profissões das participantes também se constituíram em profissões muito marcadas pelo feminino,



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

sendo profissões ligadas ao cuidado, como a de assistente social e a de empregada doméstica, constituídas até hoje como profissões majoritariamente ocupadas por mulheres. No entanto, no que se refere às mulheres participantes dessa investigação, os depoimentos mostraram importantes trajetórias no espaço público, além das atuações profissionais. As mulheres participantes atuaram em diversos espaços de organização coletiva, como sindicatos, comunidades religiosas, partidos políticos e movimento estudantil. Trata-se de mulheres que se aproximaram das pautas feministas a partir de suas atuações nestes espaços, reconhecendo neles a origem de suas trajetórias no movimento feminista.

Portanto, não é exagero afirmar que seus trabalhos profissionais foram importantes, mas não fundamentais. Foi visível, em seus depoimentos, a importância que dão às suas experiências nesses outros espaços coletivos, reconhecendo neles a militância³ que viveram.

De forma geral, as participantes pouco narraram sobre suas experiências docentes nos depoimentos. Pareceram estar mais interessadas em abordar o feminismo e resgatar suas trajetórias de militância neste âmbito. Se pensarmos o período da juventude dessas mulheres, entre as décadas de 60 e 70 do século passado, haviam pautas bem fortes e pesadas para elas e que se mostravam muito mais desafiadoras, como o combate a ditadura e a luta pela democracia, o combate à violência contra as mulheres, a luta antirracista, a luta por empregos para as mulheres e por igualdades no mundo do trabalho, entre outras. No entanto, alguns trechos das narrativas apontam para o reconhecimento do espaço da escola como um lugar de possibilidades na abordagem da temática de gênero, mas não o único.

Ana, 72 anos de idade no momento da entrevista, uma das participantes da pesquisa, professora de língua portuguesa, aposentada da rede estadual de ensino e sindicalista, sobre o espaço da escola enquanto lugar de formação sobre o feminismo, disse:

Na escola dá pra fazer muita coisa... Eu conseguia, eu fazia, até nós tínhamos um grupo tão interessante na época, que nós tínhamos um grupo de professoras de português. E nós resolvemos, éramos quatro,

³ Embora reconheça a importância do termo *ativista* para denominar as mulheres feministas hoje, especialmente as atuantes nos movimentos sociais feministas contemporâneos, utilizarei aqui o termo *militante*, pois foi desta forma que as mulheres idosas pesquisadas se identificaram. Inclusive uma delas se pronunciou sobre ativismo, estabelecendo um distanciamento desse conceito e uma crítica a este.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

cinco professoras, nós resolvemos fazer junto com matemática, com história, tentamos fazer um trabalho - já havia essa proposta do MEC - que a gente pudesse trabalharmos juntos toda construção, a língua portuguesa, a história, enfim, todo o processo do conteúdo, o famoso conteúdo que a gente tinha é, a gente trabalhava o conteúdo universal entre nós, fizemos um trabalho muito interessante... mas depois sabe, professor é transferido, sai, aí muda de direção, e isso desestrutura o trabalho. Nós fazíamos essa luta também de ocupação de espaço da escola, a ocupação de espaços junto com os professores e com os alunos, como também fazendo esse tipo de trabalho nos próprios movimentos sociais. A gente não ficava em casa na época quando tinha greve, a gente ia pra escola e fazia os debates, juntava um grupão, tal hora vai ter a reunião da greve, dali nós tirávamos os encaminhamentos, mas fazíamos também o aprofundamento da questão política... ah, era maravilhoso, porque era um tempo de luta mesmo né, a década de oitenta e noventa nos trouxe assim coisas muito produtivas dentro da educação, foi muito lindo trabalhar nesse período [risos]. [Ana, 2017]

Nara, 60 anos de idade, outra participante, também professora aposentada há pouco tempo (recentemente na época da entrevista) da rede estadual de ensino, resgata a escola em sua narrativa, mas faz uma crítica sobre o espaço escolar na constituição das diferenças de gênero. Sobre a escola na época em que atuava, disse em seu depoimento:

Assim... a educação era organizada: era excludente. No primeiro ano todo mundo entra, meninas e meninos. Até um número um pouco maior de meninos, na verdade, no bimestre inicial, um número maior de meninos. Mas também não é tão significativo assim. Mas isso vai afunilando, né. Os meninos vão sendo jogados mais cedo no mercado de trabalho e a menina negra também, muito no trabalho doméstico, vai sendo excluída. Vai do fundamental, onde se vê mais brancos, pessoas com mais condições econômicas, do que negros ou mais pobres. O movimento tem usado muito a questão... Todos os debates sobre tem que ter a questão de gênero das mulheres, de forma interseccional. Não pode priorizar um polo... Isso é um debate que a gente tem que aprofundar no movimento... [Nara, 2018]

Nara aponta para a importância de se utilizar diversos marcadores sociais da diferença, de forma interseccional, na abordagem de gênero. Ela demonstra perceber que existem diversos elementos que colocam as pessoas em condições diferentes na sociedade e, mais do que isso, percebe que a escola muitas vezes reproduz as diferenças e amplia a exclusão.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Algumas mulheres pobres, oriundas das classes populares, conseguiram na docência a possibilidade do exercício de uma profissão, em uma época que não era exigido a formação superior para a docência, especialmente com crianças, nas séries iniciais. Assim, mesmo com baixa escolaridade, algumas das mulheres idosas que participaram dessa pesquisa foram professoras, tendo neste campo profissional uma possibilidade de emancipação financeira e acolhimento profissional, podendo atuar em algo que era possível e permitido às mulheres naquela época. Esse foi o contexto de Laura (81 anos de idade no momento da entrevista), a mulher mais idosa que participou dessa pesquisa. Morando sozinha e muito independente, nos recebeu em sua residência, onde ostenta nas paredes de sua casa murais grandes contendo diversas fotografias de momentos de sua militância política e social, no que ela denominou “movimento de mulheres”. Laura foi professora de escolas municipais, atuando nas séries iniciais do ensino fundamental. Oriunda de uma família extensa de 8 filhos, sua mãe foi costureira e seu pai charqueador⁴. Conseguiu estudar até o ginásio e isso possibilitou que fosse professora.

A perspectiva da interseccionalidade permitiu que se incorporasse a raça/etnia como marcador social na análise dos dados. Especialmente no caso de Vera, única mulher negra das sete participantes descritas aqui. Vera foi a única que não conseguiu prosseguir nos estudos, sendo oriunda de uma família muito pobre, que passou por inúmeras dificuldades financeiras. Vera atuou como empregada doméstica, onde se tornou liderança sindical, tendo longa e importante atuação de destaque nessa área. De lá se deu sua aproximação em um partido político, no qual atua até hoje. Foram essas duas experiências que aproximaram Vera da pauta feminista.

Embora Vera não seja a única participante da pesquisa oriunda das classes populares, é visível que sua trajetória foi a mais difícil, a ponto de evadir da escola, situação que as demais não chegaram a viver. Isso nos mostra a dimensão do racismo na nossa sociedade. Reconhecemos que a profissão de doméstica deve ser valorizada e respeitada como todas as outras, no entanto, sabemos que esta recebe menor status social e, o que é mais grave, salários menores.

⁴ Trabalhador das charqueadas do município. A cidade de Pelotas tem sua trajetória histórica vinculada à produção do charque, processo manual de conservação da carne que utilizava o sal e a secagem. Este processo era muito utilizado antes do advento do advento da refrigeração elétrica, que veio a substituir esse tipo de produção mais manual. Pelotas teve diversas charqueadas, onde a maioria utilizava mão de obra escrava.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Na sequência se abordará temas mais diretamente ligados as trajetórias militantes das participantes, onde diversos aspectos das histórias de vida e das memórias das participantes se entrelaçam e se somam.

Sobre a militância no movimento social: a diversidade dos espaços de formação coletiva

A trajetória do movimento feminista mundial é conhecida pela metáfora das denominadas “ondas do feminismo”⁵. Podemos dizer que a primeira onda foi caracterizada pela reivindicação, por parte das mulheres, de diversos direitos que já estavam sendo debatidos e, inclusive, conquistados por homens de seu tempo. A sociedade do século XIX e na virada para o século XX era industrial, urbana, positivista, cientificista, acadêmica e economicamente liberal, tipicamente capitalista. Mas também foi no século XIX que nasceu o socialismo, enquanto grande teoria questionadora do capitalismo, e que tem como pauta a luta por direitos dos operários, a luta por maior participação política e popular, etc., mas nada disso incluía diretamente as mulheres.

As mulheres que reivindicavam o direito ao voto (as *suffragettes* nos EUA) — apesar de serem subordinadas de seus maridos ou pais, não eram sua propriedade institucional e jurídica, diferente das mulheres negras estadunidenses. No entanto, é importante ressaltar que houve um feminismo de primeira onda que, além de lutar por esses direitos políticos, lutou por algo ainda mais básico: a abolição da escravidão, e aqui salienta-se o papel de Sojourner Truth⁶.

Mulheres negras feministas sempre existiram, desde a primeira onda, e justamente por serem negras analisavam sua condição enquanto mulheres também sob o prisma do racismo. A “interseccionalidade” não foi, portanto, uma novidade da terceira onda. Aliás, as mulheres brancas estadunidenses não demoraram a reagir contra o movimento

⁵ Para saber mais, sugerimos ler ZIBEL, Ilze. 2020. Ondas do feminismo. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*. v.7, n.4, 2021, p.10-31. <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/> (Acessado em 02 jun.2021).

⁶ Sojourner Truth (1797 – 1883) foi o nome adotado, a partir de 1843, por Isabella Baumfree, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher. Truth nasceu escrava em Swartekill, Nova York. Seu discurso mais conhecido, “Não sou uma mulher?”, foi pronunciado em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio. (Para ver mais <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>).



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

abolicionista, alegando, basicamente, que o ganho da liberdade por parte dos homens negros resultaria em perda de direito para elas, mulheres brancas. Então, ao mesmo tempo que lutavam por direitos para si mesmas, algumas participavam de grupos ultrarracistas como o *ku klux klan*, por exemplo. O que explica muita coisa em termos da desconfiança do feminismo negro com a branquitude feminista. As mulheres defendiam que homens e mulheres, por serem iguais, deveriam ter oportunidades também iguais - de estudos, de trabalho, de participação política, etc. Assim, tem-se aqui um feminismo que possui a igualdade como principal bandeira.

No entanto, simultaneamente às ideias liberais, também havia mulheres incorporando a questão feminina às ideias e teorias socialistas/marxistas — como a russa Alexandra Kollontai, a anarquista estadunidense Emma Goldman, e a alemã Rosa Luxemburgo. Elas tinham em comum a construção de análises que levam em consideração a classe social.

A segunda onda tem seu início em meados dos anos 50 do século XX e se estende até meados dos anos 90. Foi nessa época que iniciou uma série de estudos focados na condição da mulher, onde começou-se a construir uma base teórica sobre a opressão feminina. Foi um movimento que teve seu início (e sua fase mais ativa) nas décadas de 60 e de 70, pois toda a movimentação feminista daquela época foi pautada na teoria que versa sobre a nossa condição de exploradas por conta do sexo e das funções reprodutivas. Isso pautou a segunda onda, que se caracterizou por uma fase de luta por direitos reprodutivos e acerca da sexualidade. É aqui que começa a distinção entre sexo e gênero, sendo que aquele passa a ser entendido como uma característica biológica; e este como uma construção social, formando um conjunto de características de cada pessoa.

Uma das características das feministas desse período era a conscientização das mulheres por meio de atividades coletivas, possibilitando e favorecendo o empoderamento das mulheres enquanto coletividade. Em termos de teoria, as feministas da segunda onda buscaram identificar a origem da opressão feminina. A resposta é o próprio sexo, a própria capacidade reprodutiva, pois a mulher sempre esteve atrelada, tanto social como economicamente, ao seu aspecto reprodutivo, e o patriarcado, aliado ao capitalismo, consiste na exploração dessa capacidade. Assim, percebemos uma forte influência do pensamento marxista no feminismo da segunda onda.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Apesar disso, a maioria das autoras e das militantes feministas ainda eram brancas (e, muitas vezes, pertencentes a classes sociais mais altas), o que gerava análises consideradas incompletas para outros grupos de mulheres, que reivindicavam que suas características também fossem contempladas, pois entendiam que as diferenças existentes entre mulheres (de classe, raça/etnia e sexualidade, principalmente), eram decisivas e constitutivas de suas experiências e de sua opressão. É nesse cenário que o feminismo negro cresce enquanto movimento pois, ao mesmo tempo em que as feministas negras denunciavam o feminismo branco, por ignorar sua existência, também se fortalecia a procura pela ancestralidade, para o fortalecimento da própria identidade negra. Dessa forma, também se reconhece que houve crescimento de outros movimentos, como os movimentos LGBT's — , processo que culminou na emergência da terceira onda.

Como sabemos, os anos 90 foram marcados por profundas mudanças, especialmente nos campos político e econômico. Tivemos o fim da União Soviética e a queda do muro de Berlim. As ditaduras na América Latina se encerravam, enquanto o neoliberalismo, o individualismo e o consumismo se espalhavam pelo mundo. Nesse contexto a internet e as redes sociais crescem e se espalham vertiginosamente em termos de comunicação, e o feminismo não demorou a invadi-la também. A terceira onda se desenvolve imersa neste contexto de profundas mudanças.

Em 1989, Kimberlé Creenshaw introduziu o conceito de interseccionalidade enquanto uma ferramenta para que mulheres atingidas por vários tipos diferentes de opressão (raça, classe, sexualidade) pudessem analisar sua condição. Ainda no final da segunda onda o feminismo identitário começou a se fortalecer, mas agora o feminismo da terceira onda aprofunda a ideia de reconhecer as diferentes variedades e experiências de mulheres, evitando universalizá-las.

Se a segunda onda tinha como proposta teórica o entendimento das estruturas macro que oprimiam as mulheres, assim como suas origens e as relações de poder intrínsecas a essas estruturas e instituições; a terceira onda é pós-estruturalista e não acredita em significados fixos ou intrínsecos a palavras, símbolos ou instituições, buscando, antes, estudar performances dentro de contingências. Tanto gênero quanto categorias biológicas seriam construções sociais, pois fruto de pensamento enviesado pelo olhar masculino. O grande denominador comum aos movimentos de terceira onda é a busca pela destruição de pensamentos



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

fixos e a crítica às prévias narrativas de liberação e de vitimização, características da segunda e da primeira onda. É importante ressaltar que a terceira onda, de forma geral, rejeita as tentativas de identificação de objetivos comuns, gerais, padronizados, e não se reconhece enquanto um movimento coletivo. Dessa forma, o conceito de feminismo se individualiza e, concomitante a isso, se torna mais apropriado pelo capitalismo que é, por si só, individualista.

A “liberdade de escolha” individual de cada mulher passa a ser defendida, com o enfraquecimento de pautas mais coletivas da segunda onda, como a luta contra a prostituição, por exemplo. A prostituição e a pornografia deixaram de ser compreendidas como violência para serem estudadas no campo da sexualidade, inclusive vistas enquanto possibilidades de libertação. É no período da terceira onda que Judith Butler desenvolve, em sua tese de doutorado denominada Problemas de Gênero (1990), sua teoria de gênero enquanto performatividade, rompendo com o paradigma da divisão entre sexo e gênero. Assim, se constrói a vertente teórica *queer*, que se desenvolveria mais profundamente ao longo da década de 90.

Setores já afirmam existir uma quarta onda do feminismo, caracterizada principalmente pelo uso maciço das redes sociais para conscientização e divulgação dos ideais feministas. Apesar de não haver uma coesão teórica mais uniforme, são salientadas pautas frequentes da contemporaneidade, como a cultura do estupro, os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades, todos eles somados à uma forte postura de denúncia e de recusa ao silenciamento e a aceitação. A palavra-chave da quarta onda é “liberdade”, deixando dúvidas sobre esse significado, pois sabemos que esse termo carrega forte apelo político, e tem sido muito atrelado ao modelo de capitalismo neoliberal.

Em nível nacional, podemos dizer que o movimento feminista brasileiro teve suas origens mais presentes a partir da década de 60, especialmente assumindo a pauta de luta pela democracia e combate à ditadura militar. As pautas mais amplas do feminismo a nível internacional de certa forma também chegavam até aqui, mas não de forma muito contundente e que sustentassem um movimento social mais amplo. No entanto, houveram mulheres brasileiras com atuações importantes, aliadas às pautas internacionais. Aqui no país também se lutou pelo voto feminino e por maior participação das mulheres na vida política, por maior inserção das mulheres no mundo do trabalho, pautas



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

que, inclusive, ainda se mantêm, embora de forma ressignificada e atualizadas no tempo.

Nara⁷, uma das participantes dessa investigação, advogada e professora aposentada, com 60 anos de idade na época da entrevista, se referiu sobre a trajetória histórica das lutas feministas. O trecho a seguir mostra isso, quando afirmou que,

As primeiras militantes, lá as sufragistas, as mulheres que lutaram pela educação no Brasil, eram mulheres de elite. Esse é um componente que não tem como se negar, e eu até entendo que pra nós é natural. Quem é que tinha acesso à informação, à cultura, quem que tinha condições financeiras de cursar? ... A Bertha Lutz, mesmo, foi estudar na Europa. Aquela outra, que também é bastante conhecida, uma das primeiras, Dionísia, uma baiana... É uma mulher que era de família que tinha uma condição financeira boa. Claro, que tinham oportunidade. As trabalhadoras, as mulheres analfabetas, e que não tem essa oportunidade, a vida era muito mais difícil pra elas. Então, o movimento feminista brasileiro, acredito que no mundo inteiro, na verdade, ele tem esse forte componente inicial que é mais elitizado, é de mulheres que tiveram oportunidades que a maioria não teve. Agora, não pode desmerecer isso, porque tinha um contexto sócio cultural no qual elas viviam e elas não se frustravam também em apoiar as outras mulheres, né. Então, acho que as mulheres militantes na causa do voto, o sufrágio feminino, e na própria educação buscavam melhorar, inclusive, a questão da república... Aliás, antes disso, contra a escravidão e foram abolicionistas. Então, esse valor a gente tem que reconhecer. [Nara, 2018]

O Brasil enfrentava tempos difíceis de ditadura militar, autoritarismo político e ampliação da violência, especialmente contra as mulheres. Em tempos que não havia proteção legal - como a Lei Maria da Penha - e que as leis em vigor na época ainda legitimavam casos de violência doméstica – como os crimes em “defensa da honra”, reforçando as relações de poder advindas do patriarcado, as pautas feministas no país estavam mais vinculadas a retomada da democracia e ao combate a violência⁸.

Pelotas foi um exemplo de cidade brasileira que vivenciou fortemente este contexto, pois estas pautas foram fundadoras do

⁷ Para identificar as participantes da pesquisa foram utilizados nomes fictícios, de forma a garantir o anonimato das mesmas.

⁸ Para entender melhor o contexto do surgimento do movimento feminista brasileiro, ler Pinto (2013) e/ou Teles (2017). As referências completas encontram-se no final deste artigo.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

movimento feminista na cidade, mesmo que naquela época não se utilizasse esse nome. Entre os anos 80 e início dos anos 90 tiveram origem na cidade de Pelotas dois grupos constituídos por mulheres que atuavam coletivamente contra a pobreza e a violência doméstica e que se encontram em atividade até a atualidade: o Grupo Autônomo de Mulheres de Pelotas (GAMP) e a União Brasileira de Mulheres (UBM), seccional Pelotas. Estes grupos tinham em comum a busca da inclusão de mulheres na política e em processos de tomada de decisões, em prol de uma emancipação feminina, mas suas pautas principais eram a luta contra a violência de gênero, especialmente a violência doméstica. Também neste mesmo período tivemos a criação do Conselho Municipal da Mulher e da Casa de Acolhida, enquanto instituições destinadas a proteger as mulheres vítimas de violência.

Pelotas presenciou um feminicídio (assassinato, utilizando-se a nomenclatura da época) que marcou a trajetória da abordagem do tema da violência doméstica na cidade e alavancou fortemente a construção do movimento feminista, criando uma rede forte de atuação das mulheres do município.

No ano de 1988 a servidora municipal e estudante universitária Luciety Mascarenhas Saraiva foi assassinada pelo ex-namorado. Foi comprovado que o feminicídio foi premeditado. Esse acontecimento teve grande repercussão na época e gerou grande revolta popular na cidade, especialmente nas mulheres. Pensamos que este fato tenha sido um grande impulsionador da construção de um movimento coletivo de mulheres que, em um primeiro momento, lutou para que fosse feita justiça neste caso, mas que manteve um fôlego que repercutiu na ampliação das pautas das mulheres e que fundou o movimento feminista na cidade.

Para isso, teve papel fundamental a mãe da Luciety, Jurema Mascarenhas Saraiva, que se organizou coletivamente com outras mulheres para condenar o assassino da filha. Esse episódio foi fundamental para a organização coletiva do grupo que mais tarde fundaria o Grupo Autônomo de Mulheres de Pelotas - Gamp, grupo feminista mais antigo e duradouro da cidade. Jurema se inseriu e atuou na construção do movimento feminista na cidade. Lutou até o fim da vida para que nenhuma mãe chorasse como ela a morte de uma filha por falta de um espaço adequado onde pudesse se abrigar e se proteger de homens violentos e assassinos.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

A atuação do GAMP tem sido, ao longo de quase três décadas de fundação, fundamental para a criação e a manutenção de diversos espaços institucionalizados de orientação, acolhimento e proteção das mulheres vítimas de violência na cidade. O GAMP é reconhecido por sua atuação na fundação da Casa Luciety (homenagem a filha de Jurema a vítima de feminicídio na década de 80), casa de acolhimento para as mulheres vítimas de violência na cidade. A Casa de Acolhida Luciety para mulheres vítimas de violência foi prevista em artigo aprovado na Lei Orgânica do município de Pelotas-RS, em 1989, e foi regulamentada em lei ordinária em 1992 (Lei 3494/92). Só foi inaugurada dez anos depois, fruto de um esforço enorme do movimento organizado de mulheres do município, em 2002, numa parceria entre Estado, União e Prefeitura. O Estado entrou com o terreno e construção, a União com móveis e equipamentos e o Município com a administração, o funcionamento e a manutenção. Dessa forma, a pauta da luta contra a violência foi se constituindo como um elemento fundamental e alavancador da construção coletiva de grupos feministas (ou, atualizando para a compreensão hegemônica da época, femininos). Nas narrativas das mulheres idosas participantes desta pesquisa este contexto aparece de forma bem forte nas trajetórias de vida delas.

Nara começou sua militância política e social quando cursava a Universidade, no curso de Direito. Embora reconheça na sua família de origem a importância do incentivo para a sensibilidade e o olhar atento para as causas sociais e para as temáticas políticas, foi na sua formação de estudante, especialmente na universidade, que aflorou para a militância política mesmo, primeiro no movimento estudantil e, logo em seguida, no partido político. Sobre esse contexto, Nara disse:

Ingressei na universidade em 79, na década de 70... A nossa preocupação era o combate à ditadura instaurada no Brasil. A pauta do partido, do grupo com o qual eu militava, era uma pauta generalista, no sentido de... bom... nós temos que garantir a democracia... nós tínhamos aquele processo... e questionamentos. Eu me afeiçoei à tese de que era importante, naquele momento, lutar pela restauração da democracia. A luta feminista, ela veio num segundo momento, quando era possível... Era... paralela, por assim dizer. Mas, a preocupação não era com o corpo, não era discutir a sexualidade, não era a questão do aborto, no grupo pelo qual eu lutava. [...] Eu era do PCB, era clandestino. Trabalhei de forma clandestina, assim. Lutei de forma clandestina. Tinha lá o meu codinome, se reunia com companheiras. [Nara, 2018]



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Sobre pautas feministas, mais voltadas especificamente às mulheres, Nara afirmou:

Aí sim, pra debater a pauta específica, nós debatíamos que sem democracia não era possível se promover o direito das mulheres. Até porque no estado ditatorial que se vivia, né, num estado de discriminação e de opressão, a mulher, mais uma vez, sofre, né. Sofre de forma dupla, pela política propriamente dita, e pela questão específica da mulher, em que a mulher não é considerada, né. Então, nós debatíamos essa pauta específica, e qual era a decisão do coletivo? Olha, vamos participar do movimento social. Não podemos só esperar que nosso partido seja legalizado, ou que a gente instaure, retome a democracia. A gente precisa ter essa militância. Então, nós éramos várias lutas: de grupo estudantil, de mulheres nos sindicatos, pois tínhamos uma forte inserção nos sindicatos. E, a partir daí, amizades dentro dos sindicatos, do Simp⁹, dos professores municipais, é que eu acabei sendo convidada por uma companheira a participar. [Nara, 2018]

A participante Maria teve sua formação militante vinculada a sua atuação no movimento estudantil e a sua filiação partidária no Partido Comunista do Brasil (PC do B). Atualmente é professora universitária aposentada e continua militando no mesmo partido político no qual se filiou na sua juventude. É uma liderança conhecida na cidade como uma referência, tanto do seu partido político como também do movimento feminista. Maria reconhece o protagonismo de várias outras mulheres e de outros grupos na construção do movimento feminista em Pelotas e que, cada uma a sua maneira e leitura de mundo contribuíram nessa construção, considerando que o movimento necessita de muitas frentes de atuação. O trecho a seguir, parte de sua narrativa, mostra bem esse aspecto.

[...] nós temos conquistas aqui em Pelotas importantíssimas, graças ao movimento de mulheres, graças a pessoas como a Z., como a E. C., a M., várias dessas meninas, têm várias conquistas, J. que participava do GAMP, conquistas que são importantíssimas, tu ter um Centro de Atendimento para Mulheres Vítimas de Violência é importante, tudo

⁹ Sindicato dos professores do município.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

são coisas que foram o resultado da luta das mulheres na cidade [Maria, 2017].

Já Ana foi professora do ensino básico da rede estadual de ensino e participa ativamente, desde sua juventude, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica e, quando atuava na docência, participava ativamente também no sindicato das/os professoras/es (CPERS) do estado do Rio Grande do Sul, se constituindo em uma liderança sindical. Também dedicou-se à militância política partidária e atualmente está aposentada da docência e possuía 72 anos no momento da entrevista, realizada em 2017.

Ana possui uma trajetória de militância social muito forte e que foi se construindo em variados espaços. Começou sua atuação nas comunidades de base da Igreja Católica, mas parece que foi no sindicato de professores que, a longo de sua vida no mundo do trabalho, enquanto professora, mergulhou de forma mais politizada nas pautas feministas, pois se envolveu fortemente com o sindicato docente, sendo liderança sindical durante um bom tempo. Também atuou como militante em seu partido político, o Partido dos Trabalhadores (PT), mas reconheceu que, embora já houvesse discussões de gênero no partido, a maioria das lideranças eram formadas por homens e isso, no momento das definições, de certa forma diminuía as discussões das mulheres do partido. O sindicato docente, na opinião de Ana por ser uma categoria formada por mulheres, recebiam e acolhiam com mais receptividade as pautas das mulheres.

Atualmente, estando aposentada, houve um distanciamento da sua vivência no sindicato, mas afirmou manter sua filiação no PT, embora tenha se distanciado da militância política, justificando isso em função de ter sido acometida de câncer e estar há dois anos em tratamento. No entanto, continua atuando na comunidade religiosa que participa, inclusive atuando com as mulheres da comunidade¹⁰, onde coordena atividades de orientação, formação e realiza oficinas de temas variados com as mulheres participantes, com forte teor emancipatório com o grupo. Ana atua também na Cáritas Arquidiocesana, fazendo parte da sua diretoria. Sobre o trabalho realizado com as mulheres na comunidade católica comentou:

¹⁰ Inclusive a entrevista de Ana foi realizada na sede da comunidade católica em que atua, localizada na periferia da cidade.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Eu trabalho aqui com as mulheres a promoção pessoal, até individual, elas fazem crochê, tricô, nós damos apoio assim, elas precisam de qualquer informação ou da rede de proteção... A gente sabe como elas estão desinformadas, então conosco elas têm esse acesso, e elas confidenciam problemas, a gente procura ajudar nesse sentido, nós também temos um lado religioso, nós fazemos leituras evangélicas, fazemos reflexão sobre o evangelho e na verdade a gente procura fazer com que elas tenham uma construção pessoal e coletiva. Incentivamos a participação, temos uma associação aqui, de vez em quando nós temos cursos, encontros, agora em março já temos, já marcamos com o Conselho da Mulher um encontro pra retomar de novo uma formação sobre a Rede de Proteção, fazer uma discussão política do contexto que nós estamos, contexto político que a gente tá hoje, e a gente procura assim né, trabalhar a humanização, enfim esclarecer, ajudar nesse sentido e se faz também trabalhos em que elas, por exemplo, fizemos o brechó e elas repartem o lucro entre elas, elas fazem os trabalhos e se faz feirinha, se vende e se reparte, é tudo feito de forma solidária [...]. Nós aqui, nós fazemos formação também, uma vez por mês nós temos um encontro que é do debate, por exemplo, “o que é capitalismo?” Ai fazemos um trabalho sobre o que que faz conosco o capitalismo né, agora nós temos a segunda etapa, a cada mês fazemos, na segunda etapa nós vamos ver como nós estamos vivendo isso né, a gente traz os exemplos, a gente faz trabalhos em grupos, enfim dinâmicas, e a gente vai tentando dessa forma emancipar as pessoas, empoderar como diz esse termo que se usa, tentando empoderar as mulheres, ajudando nesse processo, nessa discussão [Ana, 2017].

Quando perguntada sobre onde ela reconhece que tenha ocorrido a sua formação na temática específica de gênero, Ana em sua narrativa reconheceu que

Na verdade não foi na escola, na verdade foi aqui, aqui [se referindo na comunidade católica onde foi feita a entrevista] e o sindicato também promoveu durante um tempo encontro com mulheres, ele fazia a formação e foi bem construída em todo o Estado, se fazia encontros de formação de mulheres, de capacitadoras que iam para os espaços das periferias depois, as capacitadoras. E aqui nós fizemos muita formação numa associação que tem aqui perto, na verdade foi nesse espaço aqui que eu trabalhei esse lado feminista. [Ana, 2017].

Ana reconhece que fazer o diálogo entre temas feministas e a Igreja é um desafio.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

[...] é complicadíssimo, eu estou discutindo com algumas pessoas, conversando com pessoas da igreja sobre isso, com mulheres também, é complicado porque a igreja tradicional fecha o diálogo, a igreja digamos onde eu estou abre o diálogo, mas de forma geral é delicadíssimo dentro da igreja, é delicado tocar no assunto e a gente as vezes tem que provocar porque isso é importante, a gente não é uma ilha, ao nosso redor nós temos uma sociedade [...]. [Ana, 2017].

Sofia é funcionária pública aposentada, trabalhou como assistente social em diversas cidades do estado, principalmente com jovens em situação de vulnerabilidade social e, assim como Ana, participa das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica. Também participou do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres e do Grupo Autônomo de Mulheres de Pelotas - GAMP. Pareceu ter uma presença mais intimista no movimento, se comparada as outras participantes da pesquisa. No entanto, sua atuação não foi menos importante na construção do movimento feminista na cidade, pois tem feito um importante trabalho de organização documental sobre os organismos feministas da cidade. Sobre sua própria trajetória, narrou:

Prefiro ficar mais atrás das cortinas, sou muito organizada, né? Então prefiro a organização de documentos e atas, tenho tudo organizado por data, e acho que isso é muito importante, se precisamos comprovar alguma coisa tenho os registros. Também fizemos um texto para quem vai na mídia dar entrevista sobre o Conselho [da Mulher], organizamos nossas ações para poder ser divulgada, mas prefiro não falar em público, sempre fui mais discreta [Sofia, 2018].

A sistematização destes documentos permite se ter uma compreensão mais profunda e confere concretude ao movimento e suas instituições. Sofia demonstra a necessidade de se ter essas experiências sistematizadas para compartilhar com outros grupos de mulheres, sobre os entraves e avanços de suas atuações. É muito generosa quanto aos dados, disponibilizando para nossa equipe diversos materiais, incluindo imagens de atividades realizadas pelo Conselho, como atas e documentos escritos. Demonstra compromisso com essa sistematização, pois possui a preocupação que se mantenha o registro das trajetórias do movimento.



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Desse modo, contribui para que novas gerações de feministas e pesquisadoras tenham meios de resgatar as práticas e ações realizadas.

Beatriz, outra participante da pesquisa, professora de história aposentada da rede pública de ensino e militante do Partido dos Trabalhadores (PT) e do GAMP, sobre sua formação na militância feminista, disse o seguinte:

Eu não comecei militando no movimento de mulheres diretamente. E também não foi por incentivo do pai e da mãe, nem nada. Nunca disseram que não podia alguma coisa nesse sentido. Nunca me atrapalharam nesse sentido. Eu comecei mais nas Comunidades Eclesiais de Base, e eu comecei, em princípio... eu comecei na Juventude Operária Católica. [Beatriz, 2019]

Essas mulheres em vários momentos estiveram juntas, evidenciando uma influência coletiva sobre o empoderamento solidário e a atuação na emancipação social. Importante destacar que o Grupo Autônomo de Mulheres de Pelotas (GAMP) possui 30 anos de atuação ininterrupta no combate à violência contra as mulheres na cidade de Pelotas e se constitui também em uma importante referência na região sul do estado do Rio Grande do Sul. É considerada uma das ONGs que atua na temática feminista mais antiga do país. Várias mulheres participantes dessa pesquisa já tiveram passagem pelo GAMP ou ainda atuam neste espaço. Portanto, as histórias de formação dessas mulheres se entrelaçam com a trajetória histórica do próprio GAMP.

Considerações finais

Em uma leitura mais sistêmica das narrativas, foi possível perceber que estar juntas compartilhando seus saberes e suas preocupações com pautas sociais possibilitou a criação de alguns espaços de empoderamento e não de mero assistencialismo imediatista. Essas mulheres construíram longas e permanentes trajetórias de vida em prol da luta feminista, onde muitas vezes foram criadas pautas comuns, que envolveram os diversos espaços onde atuavam, em seus sindicatos, nos partidos políticos que participavam, no movimento estudantil e nas comunidades eclesiais de base nas quais atuavam.

Dessa forma, é possível afirmar que, no que se refere a este grupo de mulheres - e acreditamos que possamos expandir essa reflexão para muitas mulheres feministas de sua geração - a aproximação com as pautas



Trajetórias de vida de mulheres idosas militantes na construção do movimento feminista

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

feministas aconteceram a partir de suas vinculações em outros espaços sociais e políticos, que não tinham necessariamente a temática de gênero como pauta principal. No entanto, podemos dizer que o que havia em comum era a presença dessas mulheres em espaços de coletividade, que aglutinavam as pessoas e, dessa forma, produziam representações e pensamento coletivos, mesmo que a partir de pautas que não podemos considerar que fossem exclusivamente feministas. Mas, mesmo assim, podemos dizer que esses outros espaços coletivos se constituíram em importantes (porque não dizer fundamentais) espaços de formação para as mulheres que participaram da pesquisa.

O GAMP é fruto dessas trajetórias de mulheres que, assim como as que participaram dessa pesquisa, por diferentes caminhos se aproximaram e assumiram as pautas feministas em suas vidas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs.). *A produção do viver: ensaios de economia feminista*. São Paulo: SOF, 2003. p.14-49.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal: EDUFRN, 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, nº 53, jun./dez. de 2020, p. 22-34.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Trabalho docente, classe social e relações de gênero. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2013.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Alameda, 2017.



**Trajetórias de vida de mulheres idosas
militantes na construção do movimento feminista**

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

VARGAS, Francisco. O Observatório Social do Trabalho (UFPel) e as transformações dos mercados locais de trabalho: abordagens analíticas, limites e desafios. In: Dieese (Org.). *Caderno do Observatório Nacional do Mercado de Trabalho*. São Paulo: Dieese, 2017, v. 2, p. 67-81.

ZIBEL, Ilze. Ondas do feminismo. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*. v.7, n.4, 2021, p.10-31. <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>

**Trajetórias de vida de mulheres idosas
militantes na construção do movimento feminista**

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Trayectorias de vida de ancianas militantes en la construcción del movimiento feminista

RESUMEN: Este escrito es parte de una investigación realizada con ancianas activistas feministas de la ciudad de Pelotas/RS, Brasil. Fue una investigación cualitativa que buscó comprender el proceso de construcción del movimiento feminista en la ciudad, a partir del abordaje metodológico surgido de la investigación biográfica, teniendo como principal herramienta las narrativas de las mujeres que participaron en ese momento. Se apostó por la construcción de un campo de investigación interdisciplinario e interseccional que permitió, a partir del trabajo de recolección, sistematización y análisis de los testimonios, identificar las trayectorias de vida y militancia de las mujeres participantes, constituyendo diferentes categorías de análisis, como familia, formación, trabajo y militancia. En este artículo traeremos relatos de siete mujeres participantes. Todas tienen actualmente más de 60 años y tuvieron actuaciones reconocidas como importantes en la construcción de lo que ahora podemos llamar el movimiento feminista en la ciudad. Nuestro enfoque para este texto se limita a desarrollar las categorías formación y trabajo; y militancia en el movimiento social.

PALABRAS CLAVE: Ancianas. Militancia social. Narrativas. Movimiento feminista.

Mária Alves da SILVA

Professora pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (nível mestrado e doutorado acadêmico) e no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Doutora em Educação (2010) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS e Pós-Doutora em Educação (2018) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS. Socióloga (1996), Especialista (1998) e Mestre em Educação (2002) pela UFPel. Possui experiência na área de Educação, com diversas publicações e atuando no ensino, pesquisa e extensão, principalmente nos seguintes temas: estudos de gênero e teoria feminista; epistemologias de(s)coloniais; pesquisas (auto)biográficas, narrativas e histórias de vida; educação popular, educação não-formal e formação de professores. Atuou na equipe da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel entre 2014 e 2016, sendo fundadora e coordenadora do Observatório de Gênero e Diversidade da UFPel neste período. É líder do Grupo de Pesquisa D'Generus: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero, e atua no Grupo de Pesquisa Educação, Gênero e Trabalho Artesanal, ambos do CNPq.

E-mail: profa.marciaalves@gmail.com



**Trajetórias de vida de mulheres idosas
militantes na construção do movimento feminista**

Márcia Alves da Silva, Universidade Federal de Pelotas.

Recebido em: 29/01/2023

Aprovado em: 30/01/2024